



Universidade de Brasília
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas

IZABELLE NEIVA CAVALCANTE

**POR UMA SALA DE AULA BRINCANTE:
A BRINCADEIRA E O DESPERTAR DO UNIVERSO TEATRAL NA CRIANÇA**

Brasília, 2017

IZABELLE NEIVA CAVALCANTE

**POR UMA SALA DE AULA BRINCANTE:
A BRINCADEIRA E O DESPERTAR DO UNIVERSO TEATRAL NA CRIANÇA**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), autoria de Izabelle Neiva Cavalcante, sob o título/subtítulo: **POR UMA SALA DE AULA BRINCANTE: A BRINCADEIRA E O DESPERTAR DO UNIVERSO TEATRAL NA CRIANÇA**, apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, em 04 de dezembro 2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos (IdA – CEN – UnB)

Profa. Dra. Soraia Maria Silva (IdA – CEN – UnB)

Profa. Dra. Ângela Barcellos (IdA – CEN – UnB)

DEDICATÓRIA

À minha querida dinda, Eleidimar Alves Neiva,
que fez da minha infância um mundo feliz.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Luís Carlos Ribeiro, o Prof. Laranjeiras, que acreditou na minha paixão e me deu asas para uma escrita livre e feliz;

Ao Professor Graça Veloso, por ter acompanhado meus primeiros passos nesta jornada de conhecimento;

À Professora Soraia Maria Silva, por toda a inspiração e ajuda em minha graduação;

À Professora Ângela Barcellos, por entender meus medos e me aconselhar a enfrenta-los;

À Professora Aline Seabra, que me acolheu também na Escola Parque da 314 Sul;

Aos meus queridos alunos, pequenos seres humanos de grandes corações, por terem me emocionado e ensinado tanto;

À minha família, pai, mãe, irmã, por me aturarem nos momentos de estresse e nervosismo por conta da escritura deste projeto;

À minha Vó Tonha por me ensinar a brincar de 5 Marias e a contar histórias;

Aos meus parentes do Maranhão por me ensinar que brincadeira não tem fronteira;

Aos meus amigos por todo o apoio moral durante o processo exposto aqui;

À todas as crianças do mundo, com muito amor.

NOTAS PARA LEITURA

“Mas quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos”.
(BENJAMIN, 2002; p. 102)

Antes de começar sua leitura, devo te contar que este trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas transborda amor. Foi feito por alguém que ama demais, sobre criaturas que amam demais, para pessoas que desfrutam desse sentimento tão libertador, em sala de aula. Felizes são os que já se deixaram levar pela gargalhada de uma criança. Estes sabem quão puras e inteligentes elas podem ser.

O espírito de criança é algo valiosíssimo, quase como um tesouro, que deve ser cuidado e protegido. Esta é uma arma poderosa contra qualquer tristeza e potencializador de grandes ideias. Não tinha dia triste que não melhorasse quando estava perto dos meus pequenos.

São poucos os adultos que sabem que carregam esse espírito em si, mas os que sabem, entendem bem como a brincadeira é rica e essencial em nossas vidas.

Este trabalho se trata de minhas experiências com crianças pequenas no tamanho e grandes no coração e do quanto elas me somaram e me tornaram uma brincalhona melhor.

Se você é, assim como eu, um adulto brincalhão, prossiga e bem-vind@.

RESUMO

O presente trabalho monográfico é o resultado da observação de crianças de 5 a 7 anos, estudantes da Escola Parque da 314 Sul, Brasília/DF, a partir das aulas de teatro aplicadas durante o Estágio Supervisionado de Licenciatura do curso de Artes Cênicas da UnB. O pensamento central do trabalho, elaborado através das observações e práticas na sala de aula, é o de que as crianças, nas atividades que envolvem brincadeiras e jogos, absorvem as propostas e participam ativamente das aulas de teatro. É o momento em que todos se conectam e interagem com o ambiente e os colegas e transformam a sala de aula numa sala de aula brincante.

Palavras-chave: Jogos; Brincadeiras; Imaginação; Teatro; Educação.

ABSTRACT

The present study is the result of the observation of children from 5 to 7 years, students of the Escola Parque 314 Sul school, Brasília/DF, over the experiences at the theater classes applied during the Performing Arts Degree supervised internship, from the University of Brasília (UnB). The work's central thought, elaborated through observations and practices in the classroom is that children on activities and games absorb the proposals and participate actively of drama classes. It's the moment when they all connect to each other and interact with the environment and classmates transforming the classroom in to a class of playfulness.

Keywords: Games; Activities; Imagination; Theater; Education.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Turma do 1º ano, Escola Parque 314 Sul. Último dia de aula.

| | |
|--|----|
| Acervo pessoal | 21 |
| Figura 2: O que é teatro para você? Samuel, 6 anos. Acervo pessoal | 23 |
| Figura 3: O que é teatro para você? Ana Gabriella, 5 anos. Acervo pessoal | 24 |
| Figura 4: O que é teatro para você? Pedro Henrique, 7 anos. Acervo pessoal | 24 |
| Figura 5: O que é teatro para você? Sophia, 6 anos. Acervo pessoal | 25 |
| Figura 6: Qual seu jogo favorito? Sophia, 5 anos. Acervo pessoal..... | 27 |
| Figura 7: Qual seu jogo favorito? Samuel, 6 anos. Acervo pessoal..... | 28 |
| Figura 8: Qual seu jogo favorito? Ana Beatriz, 6 anos. Acervo pessoal..... | 28 |
| Figura 9: Qual seu jogo favorito? Igor, 6 anos. Acervo pessoal | 28 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| CAPÍTULO I | 11 |
| 1.1 Sobre o jogo e a brincadeira | 11 |
| 1.2 Sobre a importância do jogo e da brincadeira | 18 |
| CAPÍTULO 2 | 22 |
| 2.1 O segundo contato..... | 22 |
| 2.2 Escolhendo as brincadeiras..... | 27 |
| 2.3 Sala de aula brincante..... | 33 |
| CONCLUSÃO..... | 34 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 36 |

INTRODUÇÃO

Ao me deparar com a Licenciatura em Artes Cênicas e o futuro de ser professora, a única preocupação, que acabou virando um objetivo, era transformar a aula de teatro na melhor aula do mundo, o espaço para a imaginação e a criatividade. Como fazer com que os alunos prendam a atenção e percam o fôlego aprendendo arte? E principalmente, como fazer com que as crianças do Ensino Fundamental I absorvessem a aula e o que era ensinado?

Durante toda a graduação vivi com medo da sala de aula. Medo do fracasso, de não ser ouvida, de ser menosprezada pelos alunos. Infelizmente, em algumas experiências, vivenciei meus maiores medos. Passei pelo E.F. II, pelo Ensino Médio e não me identifiquei. Não havia encontrado o sentimento – que ainda não sabia qual era – que tanto procurava. Porém, quando conheci as crianças do 1o ao 5o ano, me apaixonei. Ali não havia julgamentos pré-determinados e nem desrespeito, não havia insensibilidade e muito menos falta de aceitação para com o próximo. A atmosfera dos alunos do E.F. I ainda é pura, em fase de construção como indivíduo. Ainda não possui maldade ou malícia, ali existe apenas autenticidade e muita vontade de fazer. Imagina o gosto que dá ensinar a esses pequenos grandes estudantes! As aulas voavam e eu sempre recebia um carinho imenso de meus alunos. Isso era o que eu procurava.

Na Universidade de Brasília, em meio aos meus colegas, também estudantes de Licenciatura, sempre escuto os mesmos questionamentos: “Como você consegue trabalhar com criança pequena? “, “De onde tira paciência? “, “Alunos mais velhos são mais fáceis de lidar! “. A minha resposta sempre é a mesma: “Eu amo crianças!”. De fato, dar aula a alunos mais velhos pode ser mais fácil porque entendem os comandos dos exercícios. Porém, os alunos mais velhos podem não entrar no jogo e na brincadeira da mesma forma com que os alunos mais novos a abraçam e se envolvem.

Parto do pressuposto de que crianças na faixa etária entre cinco e sete anos estão numa fase de assimilação, em que são educadas para se tornarem seres críticos e sensíveis. Dessa forma, os valores impostos pela sociedade atualmente, não as alcançaram ainda, tornando-as livres de possíveis julgamentos consigo

mesmas e com os colegas. Portanto, ao executarem um jogo teatral, se entregam de forma mais completa do que um pré-adolescente que está numa fase de dúvidas e inseguranças.

As crianças são personificações vivas de leveza, ternura e pureza, que carregam uma grande bagagem artística, apenas por serem crianças. Sem perceber, elas conseguem sintetizar tudo o que veem, sentem e entendem de forma mais sensível, criativa e bonita, em grandes e belas cenas teatrais.

Sabendo que a arte é uma linguagem, que teatro é linguagem, portanto, algo não fixo e sempre autotransformador e auto renovador. O teatro se torna o caminho mais rico e livre para estimular e intensificar a criatividade tão aguçada e aflorada da criança nos anos iniciais. Assim, tem jeito melhor de se ensinar teatro do que ensiná-lo brincando?

Com minhas observações e experiências nos dois semestres de Estágio Supervisionado, pude perceber que, às vezes, pode ser difícil ensinar às crianças pequenas, pois vivem dispersas, brincando e conversando com os colegas, perdem a atenção muito rápido, gostam de atividades que tenham objetivos claros, e, preferencialmente, que possuam um ganhador. Se não for assim, fica difícil de trabalhar. Foi preciso estar com elas diariamente, aplicar exercícios e falhar na maioria das vezes. Percebi que melhor do que as proibir de fazerem o que gostam era utilizar as brincadeiras que tanto gostavam para aprender um pouco mais sobre a matéria a ser ensinada.

Utilizando como parâmetro a minha trajetória no Estágio e o convívio diário com crianças do E.F. I e considerando que as crianças dos 1º e 2º anos são as mais expressivas, como poderíamos ampliar as narrativas teatrais das crianças através do jogo e da brincadeira? Ou melhor, como seria possível fazer tal ampliação utilizando as brincadeiras teatrais?

Jogo luz sobre o teatro e a educação, os jogos e as brincadeiras infantis na escola e apresento nesta pesquisa as observações e constatações sobre a transformação de uma sala de aula comum em uma sala de aula brincante.

CAPÍTULO I

1.1. Sobre o Jogo e a Brincadeira

Muito se fala sobre o jogo, mas pouco se sabe sobre sua história. Ele veio mesmo antes da própria cultura – porque esta necessitou da sociedade para surgir – e, o mundo animal não esperou por este surgimento para experimentar o jogo e suas facetas. O historiador Johan Huizinga, ao analisar o jogo como elemento da cultura, afirma que:

“ (...) É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à ideia geral de jogo. Os animais brincam tal como os homens. Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar, que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isso, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. “(HUIZINGA, 2012; p. 03)

Assim, fica claro que mais do que algo biológico, pré-determinado ou exato, o jogo é algo que traz significado e está ligado com o que somos, com os significados e as referências que damos e aprendemos no decorrer da vida e com a essência do ser que pensa. Percebe-se a facilidade que se tem o brincar? Está em todos nós, é uma característica primária que todos possuem e o prazer que se tem ao experimentar é seu elemento primordial. Já nascemos com a capacidade de brincar, jogar e nos divertir.

É certo que o tempo passa, a vida adulta chega com suas atividades e desafios e a brincadeira fica em segundo ou terceiro plano, atrás das “tarefas de verdade”. Voltaremos a este ponto da seriedade do jogo mais à frente. Mas todos já ouviram o ditado, “dentro de todo adulto sempre pulsa uma criança”, ou seja, dentro de cada adulto, dorme um espírito brincalhão, uma criança, que um dia teve uma ligação com as brincadeiras. É dessa ligação que trata esta monografia.

Quando se fala em jogos, a primeira coisa que vem a cabeça é a criança. Apenas por ser criança já se encontra em um constante estado de brincadeira e de jogo. Para elas, escovar os dentes, comer as verduras do prato, tomar banho, fazer

o dever de casa e ir à escola são “tarefas chatas”, mas que com a dose certa de imaginação, acabam se tornando grandes aventuras. A colher com os brócolis se torna um avião, a escova de dente vira a batuta que guia uma grande orquestra, a hora do banho se torna uma expedição a uma floresta chuvosa, as linhas do chão da escola são grandes cordas que passam por cima de um vulcão em erupção e as diferentes cenas e ambientes não param mais de acontecer. Do momento em que acordam até o momento em que se deitam para dormir, as crianças, diariamente, jogam e brincam.

Pode parecer que isso seja um “problema” na escola, pelo menos é assim que algumas pessoas enxergam. O excesso de brincadeira pode atrapalhar o desempenho, tirar a atenção, prejudicar a aprendizagem e, de fato, pode ser empecilho em alguns momentos. Entretanto, melhor do que ir contra a essência brincante do pequeno infante, proponho caminhar junto com ela e usá-la como ferramenta para um bom ensino, porque, ao contrário do que muitos pensam, o jogo também é um grande estimulador de disciplina e foco.

Segundo Huizinga, o jogo possui quatro características fundamentais: “É livre; Não é vida “corrente” nem vida “real”; Possui isolamento e limitação; Se fixa imediatamente como fenômeno cultural. “(HUIZINGA, 2012; pp. 11-13) Tais características mostram que o jogo é algo poderoso pois é uma atividade completamente voluntária que se molda sobre todos os ambientes e pessoas e se faz simplesmente pelo prazer do “fazer”, pelo “estar no jogo”. Transforma, reinventa, interpreta e representa. E isso revela sua primeira característica: a liberdade. O jogo pode assumir inúmeros formatos, justamente por ser tão livre. Só se joga porque se gosta. Carrega bagagem lúdica tão grande, que é considerado como algo fora de nossa vida cotidiana. E é justamente por isso que os adultos costumam achar que brincar é algo supérfluo.

O jogo não parte de ordens, nunca será imposto ou mandado. Não possui hora certa, não existe cronograma a seguir. Pode-se pausar, recomeçar ou acelerar. Pode-se “deixar para outro dia”. Não é urgente, apenas se você quiser. Pode ser repetido ou nunca mais jogado. Pode ser mudado, reconfigurado. É tão prazeroso e não possui nenhuma urgência. A não ser que o prazer por ele provocado seja tão grande que a vontade de jogar, brincar, passe a ser uma necessidade.

A segunda característica que Huizinga dá ao jogo é a de que não está inserido nem na vida corrente e nem na vida real. É como se toda criança, no momento em que decide brincar, se transportasse para um universo a parte do nosso. Um universo onde tudo é possível e o tempo real da vida não conta. Essa característica está intimamente ligada à ludicidade do jogo e da brincadeira. O universo em que a criança se insere é completamente lúdico. Toda criança sabe quando está fazendo de conta e quando está sendo ela mesma, no tempo real. É aí que está toda a mágica: o espírito infantil, o tempo e o espaço e os sentidos dados pelas crianças. Para Huizinga,

“ (...) O jogo distingue-se da “vida comum” tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. É esta a terceira de suas características principais: o isolamento, a limitação. É “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprios”. (HUIZINGA, 2012; p. 12)

Me lembro até hoje das férias que passei no interior do Maranhão, Mirador, cidade natal de meus pais. Era natal de 2005, eu tinha 11 anos e uma dúzia de primos, loucos para brincar na rua. Me lembro também do prazer que sentia de brincar descalça em frente à casa da nossa vó, era uma sensação de imensa liberdade. Achava aquilo muito diferente da minha infância. Cresci em apartamento, em Brasília, e brincava embaixo do bloco, sob o olhar atento de minha mãe. Lembro que não havia esse desbravar de espaço e essa sensação de estar livre. Sobre o jogo ficar na lembrança, Huizinga afirma que:

“ (...) Há, diretamente ligada à sua limitação no tempo, uma outra característica interessante do jogo, a de se fixar imediatamente como fenômeno cultural. Mesmo depois do jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido. Torna-se tradição”. (HUIZINGA, 2012; p. 13)

Brincamos de tudo no Maranhão. Brincadeiras de todas as tradições brasileiras. De amarelinha a pique alto, de depois do almoço até o fim da tarde, que era quando a gente ia à pracinha tomar picolé. Lembro vagamente de algumas pequenas diferenças que tinham nas brincadeiras que aprendi na escola, em Brasília, comparado às brincadeiras que meus primos aprenderam na cidade em que moravam no Maranhão. A lembrança mais importante foi minha Vó Tonha me ensinando a brincar de 5 Marias. Veja só, com 62 anos ela ainda brincava, com 5 pedrinhas, sentada na porta de casa. Fiquei encantada com uma tradição tão antiga. Minha bisavó a havia ensinado. E tudo era muito simples: jogar as 5 pedrinhas para o alto e tentar pegá-las, uma de cada vez, com uma mão só. Ela sempre colocava as pedrinhas no peito da mão. A minha tia conseguia colocar ainda mais pedras lá, dependendo do tamanho. Fiquei “viciada” no jogo e toda vez que estava na rua sem ter o que fazer, já procurava as cinco pedrinhas. Cheguei em Brasília e ensinei às minhas amigas e, no recreio, competíamos para ver quem conseguia pegar e segurar mais pedrinhas. O motivo de contar toda essa história é o de explicar melhor as duas últimas características principais do jogo, definidas por Huizinga, ser fora da vida comum e se tornar tradição viva.

Na rua, brincando com meus primos, estabelecíamos o espaço da brincadeira com nossos chinelos, delimitávamos o lugar e pronto, a aventura começava. Dependendo do jogo, ficava maior, por vezes, menor. Tinha uns que duravam mais tempo, quando fingíamos estar numa expedição às pirâmides do Egito, já outros mais rápidos, como pique cola e polícia e ladrão. Tínhamos a tarde toda para brincar, vários jogos para jogar e conseguíamos jogá-los até o fim, sem que a tarde acabasse! Isso é inesquecível!

Não há tempo certo ou estipulado quando se trata de uma brincadeira. Não existe essa regra. Da mesma forma que um mesmo jogo pode durar dias – sendo pausado e retomado no dia seguinte – ele também pode ser executado diversas vezes, de diferentes formas. Isso nos remete a última, e ao meu ver, a característica principal: quando o jogo se transforma em tradição.

Os mesmos jogos existem no Brasil inteiro, quiçá em todo o mundo. Mas eles sempre poderão ter uma ou duas coisas diferentes, que são características da região em que é jogado. Mesmo assim, ele se fixa, se torna patrimônio cultural das crianças e adultos brincalhões e rodam o país inteiro, de escola em escola, de casa

em casa. O jogo vira tradição. Assim como a minha bisavó, no Maranhão, ensinou à minha Vó Tonha e ela ensinou minha mãe e minhas tias. Assim como minha avó me ensinou e eu ensinei às minhas amigas em Brasília. São dezenas de gerações, em volta de uma única brincadeira, em estados diferentes! A brincadeira está à frente da nossa idade e esteve à frente da idade dos que aprenderam antes de nós. É tradição. É história que carrega bagagem. É aprendizado brincado, aprendizado inteligente, que torna a tradição viva e presente.

Voltemos ao ponto falado no início deste capítulo: a seriedade. Quando pensamos em jogo, a primeira coisa que nos vem à cabeça é a não seriedade. Muitos dizem que jogo é “somente uma brincadeira”, que deve ser deixado apenas para os horários de lazer, não tem nenhum valor moral para que, de fato, seja levado a sério. A sua total liberdade acaba confundindo o julgamento das pessoas. O que muitos não percebem é que existem jogos envoltos de uma grande seriedade, como o xadrez e o futebol, por exemplo. De fato, o jogo, ou a brincadeira, está ligado com dezenas de palavras que podem representar a não-seriedade, como o riso, a loucura, a euforia, o cômico, mas ainda assim, ele tem seriedade.

Talvez este problema de seriedade possa ser um empecilho para que alguns vejam a brincadeira como ferramenta de aprendizado. O fato do jogo ser envolto de imaginação e estar inserido no universo do faz de conta, acaba tirando sua credibilidade no pensamento de algumas pessoas. Nesse sentido, para Huizinga,

“(…) Todavia, conforme já salientamos, essa consciência do fato de “só fazer de conta” no jogo não impede de forma alguma que ele se processe com a maior seriedade, com um enlevo e um entusiasmo que chegam ao arrebatamento e, pelo menos temporariamente, tiram todo o significado do “só” da frase acima. Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. Nunca há um contraste bem nítido entre ele e a seriedade, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade. (HUIZINGA, 2012; p. 11)

Ao contrário do que muitos pensam, o jogo também é ordem. Não é como se houvessem regras ou disciplina, mas ele em si, cria ordem. Segundo Huizinga, o jogo introduz “na imperfeição do mundo, uma perfeição temporária e limitada” (HUIZINGA, 2012; p. 13) e qualquer que seja o fator que vá contra isso, é fortemente proibido. Isso quer dizer que se existe um fator que vá contra a linha natural do jogo, ou seja, que estrague a brincadeira e a “perfeição temporária”, este é tratado como desobediência e é evitado. Uma criança sabe que para determinado jogo ou brincadeira deve-se seguir alguns passos e, uma vez não seguidos, acarretam no estrago e no desprazer da brincadeira de todos. Como nenhuma criança quer que isso aconteça, que o jogo pare, elas seguem os passos corretamente para criarem seu momento perfeito. É a ocasião apontada por Viola Spolin, em que

“ (...) Todos os participantes estão livres para atingir o objetivo do jogo à sua maneira. Desde que respeitem as regras do jogo, os jogadores podem ficar de ponta cabeça ou voar pelo espaço. (...) A oficina de jogos teatrais oferece aos alunos a oportunidade de exercer sua liberdade, respeito pelo outro e a responsabilidade dentro da comunidade da sala de aula. “(SPOLIN, 2010; p. 30)

Querendo ou não, cria-se uma certa disciplina na criança, sabedora de que não pode desobedecer, não desobedece às regras do jogo. Em outros casos, ela poderia ir contra a atividade proposta, fazer de propósito, tentar atrapalhar o exercício. Mas isso não ocorre quando se trata do seu “momento de prazer”. Criança alguma estragará o momento de prazer, de jogar e brincar.

Na sala de aula não precisa ser diferente. Diante de uma atividade divertida, as crianças participarão com mais entusiasmo, com atenção, ouvindo melhor. Aprender brincando é divertido. Para isso, é preciso considerar e transformar o tempo da aula o espaço da sala como o espaço da brincadeira, em que a sala é uma sala de aula brincante.

1.2. Sobre a importância do Jogo e da Brincadeira

“(...) A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (...) O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho de brincadeira. (BENJAMIN, 2002; p. 102)

Ao escolher o tema dessa monografia, por vezes me pensei se este não seria “bobo demais”, visto que falar sobre brincadeiras não seja considerado tão sério, por algumas pessoas, no nicho científico-acadêmico. Mas esse trabalho se trata muito mais de amor e carinho vividos e partilhados com crianças nos anos iniciais de aprendizagem que tanto me ensinaram como arte-educadora, atriz-educadora. Pensar em ser professora me leva a um cenário ideal: ser a melhor professora do mundo com a melhor aula do mundo. Sempre me perguntei o que é que uma aula de teatro deveria ter para se tornar a melhor do mundo. Totalizando dois anos em sala de aula, um ano com o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – e um ano no Estágio obrigatório, observei vários tipos de aulas e professores e assinalei o que eu gostaria ou não de seguir.

Consegui identificar três tipos de aula de teatro baseadas em minhas vivências. A primeira, conteudista, se trata de cronogramas e currículos a seguir. Grandes textos no quadro, cadernos a corrigir e provas para testar o conhecimento. De fato, o conteúdo é transmitido, mas de forma que não chama a atenção das crianças, de forma que não dá o prazer que elas tanto esperam. No fim está o professor lotado de papéis para corrigir e alunos entediados demais para progredir. O segundo tipo de aula, eu chamaria de “preguiçoso”. É a aula em que o professor já está cansado ou acostumado e passa “qualquer coisa” ou um determinado conteúdo através de uma atividade em que ele já está habituado a trabalhar, que seja mais fácil de executar. Assim, dar aula se torna algo cômodo e com os alunos enxergando dessa forma, a aula de teatro nunca passará de um ambiente para “fazer nada”. Por último, o tipo de aula com que me identifico, seria o tipo de aula apaixonante, inspiradora. Quando se tem um professor que realmente quer experimentar e agir de acordo com a resposta que as crianças dão. É o tipo de aula

em que o professor se envolve com os alunos e deseja que eles sintam prazer em estar em sala de aula. Geralmente, são os alunos desses professores que escolhem seguir a carreira nas Artes Cênicas. Alunos que sentiam alegria em aprender teatro e viam o amor pela profissão ao ouvirem os ensinamentos de seus professores. Eu sou uma dessas alunas, que viu em uma professora, Isa do Colégio Marista João Paulo II, a capacidade de seguir o desejo de estar nos palcos.

Ao passar por Ensino Médio e Ensino Fundamental II e I, vi que minha verdadeira paixão era as crianças pequenas, dos 1º e 2ºs anos. Com o passar dos dias em sala de aula com esses pequenos, vi o quanto eram elétricos e dispersos, o que as vezes se tornava desgastante e cansativo. Dessa forma, percebi que melhor do que tentar falar mais alto ou insistir numa atividade em que eles não estavam interessados, era jogar no mesmo time que eles, utilizar das brincadeiras que eles tanto gostavam, para ensinar teatro.

E assim, surgiu a ideia motivadora da presente monografia: “Por uma sala de aula brincante: a brincadeira e o despertar do universo teatral da criança”.

Benjamin diz que o hábito entra na vida através da brincadeira. Acredito que o aprendizado também entra na vida da criança enquanto ela brinca. Desde que os jogos tenham fundamentos ligados ao teatro, nossa aula pode ser facilmente ministrada de forma brincante. Através dos jogos que tanto gostam, as crianças exploram os mesmos lugares que explorariam se tivessem feito a atividade rejeitada anteriormente. No fim, eles aprendem a mesma coisa, mas através de um método que eles realmente gostam.

Foi observando os hábitos das crianças e elencando os princípios básicos de uma aula de teatro que montei minha atividade ministrada no Estágio Supervisionado II, na Escola Parque da 314 Sul. Planos alto, médio e baixo, projeção de voz, aquecimento do corpo, foco e atenção, respeito com o colega e interpretação. Eis a dinâmica da minha sala de aula brincante. E assim, através de cirandas, brincadeiras de roda e muita diversão, conseguimos transformar um momento de lazer em um momento de aprendizado.

De fato, as crianças sabiam que a sala de teatro era um ambiente livre. Ali dentro elas podem ser o que quiserem. Era esse o efeito que eu queria causar.

Tornar o ambiente da aula um local de troca de energia, de amor e de muitas gargalhadas. Existe forma melhor de aprender? Para Walter Benjamin,

“ (...) Não serve para nada um amor pedagógico que jamais é levado pela observação da própria vida infantil a abdicar do ímpeto e prazer que sente, na grande maioria dos casos, em corrigir a criança, baseado em presumível superioridade intelectual e moral. Esse amor é sentimental e vão. Mas à observação – e somente aqui começa a educação – toda ação e gesto infantil transformam-se em sinal. Não tanto, como apraz ao psicológico, sinal do inconsciente, das latências, repressões e censuras, mas antes sinal de um mundo no qual a criança vive e dá ordens. “(BENJAMIN, 2002; p. 115)

Ao aplicar as brincadeiras e jogos que os alunos tanto gostavam, deixava que eles fossem livres para brincar e interpretar como quisessem. Não existia certo ou errado. Brincadeira é brincadeira. Ali dava para observar a personalidade e os trejeitos de cada aluno. Eles sentiam tanta euforia, que se entregavam a atividade por inteiro, não se preocupando mais com o tempo ou o espaço. Faziam teatro brincando e nem percebiam.

Foi através da observação desses alunos que pude me enxergar melhor como atriz-educadora e perceber a importância do meu trabalho, educando os futuros adultos. Fazê-los se abrir, escutar o outro, respeitar o próximo através do teatro também se tornou uma missão muito enriquecedora. No fim, criamos uma turma unida e brincalhona e transformamos a aula de teatro na mais pura diversão.

Naturalmente, as transformações proporcionadas pelo teatro extrapolaram os limites da aula e tiveram desdobramentos importantes no comportamento de determinados alunos. Os que, no início, eram tímidos, calados e afastados dos demais colegas, de repente ganharam espaço e voz na sala, sendo os primeiros a querer participar e a propor novas brincadeiras. Era muito clara a desinibição que eles tiveram no decorrer do período e em como passaram a ser pessoas mais abertas e comunicativas. E essa é uma das características principais da sala de aula brincante: a comunicação.



Figura 1: Turma do 1º ano, Escola Parque 314 Sul. Último dia de aula. Acervo pessoal.

CAPÍTULO 2

2.1. O segundo contato

Chamo de segundo contato porque já havia tido o primeiro há um tempo, mais precisamente no semestre anterior. Claro que no anterior não pude atuar como gostaria, portanto, apenas observei. O segundo contato viria a ser o mais importante e desafiador.

Acho importante ambientá-los um pouco sobre a minha vivência. Comecei no Estágio I, na Escola Parque da 308 Sul, observando alunos do 1º ao 5º ano. Quando cheguei, os alunos estavam na montagem de uma peça teatral, então, não tive muitas aulas para observar por conta dos ensaios diários. Minhas concepções de tipos de aula (explicadas no capítulo anterior) se devem a esse período. Porém, foi com um dos professores de lá que aprendi a escutar o aluno e sentir o que ele queria de mim. De nada adiantava gritar e impor exercício como os outros faziam. Era preciso sentir a turma e a energia dela. O divertido professor Pedro me ensinou isso e a ele sou muito grata.

Meu segundo momento, objeto das observações que trago neste projeto, foi na Escola Parque da 314 Sul. Dessa vez, apenas com alunos do 1º e 2ºs anos, cuja professora responsável Aline Seabra, foi muito receptiva. Me deixou a vontade e mais segura e me deu liberdade para prosseguir como quisesse.

Me lembro do nervosismo do primeiro dia. Havia um misto de sentimentos confusos dentro de mim. Euforia, medo, curiosidade, vergonha... E se eles não me escutassem? E se eu fosse fraca demais? E se a professora não gostasse de mim? E se os alunos não gostassem de mim? Os “e se” eram muitos, mas o desejo de continuar foi maior. Ao contrário do que imaginei, a professora com quem ia trabalhar era incrível, calma e atenciosa. As crianças me olhavam como se eu fosse um alienígena. Mas, assim que a Aline disse meu nome e o porquê de eu estar lá, elas correram para o abraço. “Bem-vinda professora! “

Para o meu primeiro dia de aula, planejei algo simples, mais para saber com o que iria lidar. Pedi para que os alunos desenhassem – uma das atividades favoritas – o que era teatro para eles. Ao receber os desenhos, encantadores por sinal, vi que na concepção dos pequenos, basicamente o teatro era um palco com bailarinas e

um grande mágico ou um palhaço fazendo malabares. Na verdade, qualquer objeto/pessoa/situação que estivesse em cima do palco virava teatro. Fiquei intrigada. Como poderia ensiná-los que o teatro vai além do palco e das cortinas? Que reverbera no corpo e na voz? Que há uma preparação física e mental?

É possível observar nos desenhos a seguir que existem alguns aspectos físicos do teatro que eles já conhecem. O palco e as cortinas, a encenação dos personagens desenhados e alguns adereços que lembram a iluminação. Na visão das crianças, os refletores podem ser em formato de corações, flores e estrelas. Porque não? Usar a imaginação foi a regra que estipulei. Eles já sabem que os refletores devem estar apontados para quem está no palco para que, assim o público possa enxergar. Eles também já sabem que quem está no palco precisa de roupas diferentes das que usamos cotidianamente, ou seja, sabem que existe o figurino. O tutu das bailarinas, as roupas coloridas do palhaço. Indo um pouco além, podemos até notar objetos de cena, como o som em que as bailarinas (Figura 5) escutam a música que dançam, assim como a plataforma em que o palhaço de Pedro Henrique está utilizando (Figura 4). Todos esses aspectos descritos são realmente aspectos do teatro, mas como ir além do desenho sobre o que é teatro no papel? Como trazer isso para a sala de aula?



Figura 2: O que é teatro para você? Samuel, 5 anos. Acervo pessoal



Figura 3: O que é teatro para você? Ana Gabriela, 5 anos. Acervo Pessoal



Figura 4: O que é teatro para você? Pedro Henrique, 7 anos. Acervo pessoal.



Figura 5: O que é teatro para você? Sophia, 6 anos. Acervo Pessoal

Foi a partir dessas minhas primeiras observações que resolvi trabalhar alguns jogos dramáticos com os alunos. Comecei pelo jogo de falar seu nome, com uma voz diferente e fazendo um gesto para que todos pudessem imitar. Os pequenos já conheciam essa brincadeira e se divertiram enquanto faziam. Então, resolvi propor que escolhessem um super-herói ou super-heroína preferidos e andassem pela sala mostrando seu poder. Eles ficaram tão entretidos que simplesmente não me ouviam mais, só gritavam e corriam pela sala. Passado esse momento, pedi para que montassem trios e fizessem uma pequena cena juntando os superpoderes dos heróis/heroínas escolhidos.

Com uma fita crepe, delimito o espaço do palco no chão da sala e pedi para que sentassem em forma de plateia para assistir ao trabalho dos colegas. O resultado não foi diferente do esperado. Alguns estudantes conseguiam fazer o que era proposto e entendiam o que era o palco, que deveriam ficar de frente para o público, etc. Houve até o episódio em que uma aluna usou canetinha para pintar a boca de vermelho e encenar o sangue que resultaria da luta de sua super-heroína.

Mas outros ficaram completamente perdidos. Muitos não entendiam o que era início, meio e fim e faziam as mesmas ações por muito tempo. Outros não sabiam as proporções da força que tinham e acabaram machucando outros colegas. Alguns alunos ficaram com tanta vergonha da obrigação de “apresentar na frente dos colegas” que travavam e começavam a chorar por não conseguir continuar. Ao fim da aula, tivemos alunos chorando, alunos machucados e alguns poucos satisfeitos com tudo.

Voltei para casa um pouco perdida no que deveria fazer, já que a aula anterior não havia funcionado. Passei a pesquisar jogos divertidos para usar nos livros de Viola Spolin e planejar alguns jogos que exigissem menos cenicamente daqueles pequenos. Foi assim que aconteceu a aula mais frustrante de toda essa vivência.

Decidi trabalhar o jogo em que uma criança sai da sala e as outras ficavam dentro encenando e interpretando um local que o colega que entrasse deveria adivinhar. No início deu certo, eles encenaram um pântano em que todos foram sapos e depois o *Jurassic Park*, em que todos se passaram por dinossauros. O problema foi que eu não consegui finalizar o jogo sem que todas as crianças tenham saído da sala para adivinhar uma vez. Isso durou a aula toda. E na hora de encenar o local, eles só faziam o que queriam, não ouviam meus comandos. Começaram a gritar e brigar entre si. Um grupo de alunas não quis mais brincar e foram para o fundo da sala deitar nos colchonetes. Quando vi novamente, metade das crianças estavam correndo e jogando os colchonetes umas nas outras.

Enquanto todo o caos acontecia, a professora Aline não estava na sala justamente para me deixar a vontade e agir como julgasse interessante. Porém, quando ela notou a frustração em meu rosto tomou as rédeas da situação. Foi aí que ela deu uma grande ideia e disse que as crianças naquela idade são muito dispersas e perdem a atenção rapidamente. Ou seja, qualquer que fosse a brincadeira, teria que ser dinâmica, para que outras novas brincadeiras pudessem entrar na aula para prender a atenção do aluno. As crianças gostam de jogos que tenham objetivos claros, que possuam um ganhador ao final. Gostam de uma boa competição.

Levando em consideração seus conselhos, os observei por alguns dias e elenquei jogos e brincadeiras, novos e antigos, que pudessem trazer alguns princípios básicos do teatro, de modo que as crianças mais interessadas e empenhadas em participar da aula.

2.2. Escolhendo as brincadeiras

Existem várias de brincadeiras que as crianças gostam, muitas delas são até conhecidas por nós, mais velhos. Tirando a parte dos *videogames* e bonecos, as crianças ainda têm apreço pelas brincadeiras “mais antigas”, que nunca serão velhas demais. O mais engraçado é que os jogos que elas jogam, as brincadeiras que brincam, eu também brinquei na minha época de escola, assim como meus pais antes de mim. E todas essas brincadeiras carregam em si os princípios básicos de teatro. O incrível é que brincar, muitas vezes é uma forma de encenar. A arte está nisso, nessa relação de jogo, de estado de brincadeira em que, conforme Viola Spolin, as crianças acabam por “absorver habilidades de teatro sem esforço consciente.” (SPOLIN, 2010; p. 30)



Figura 6: Qual o seu jogo favorito? Sophia, 5 anos. Acervo Pessoal.

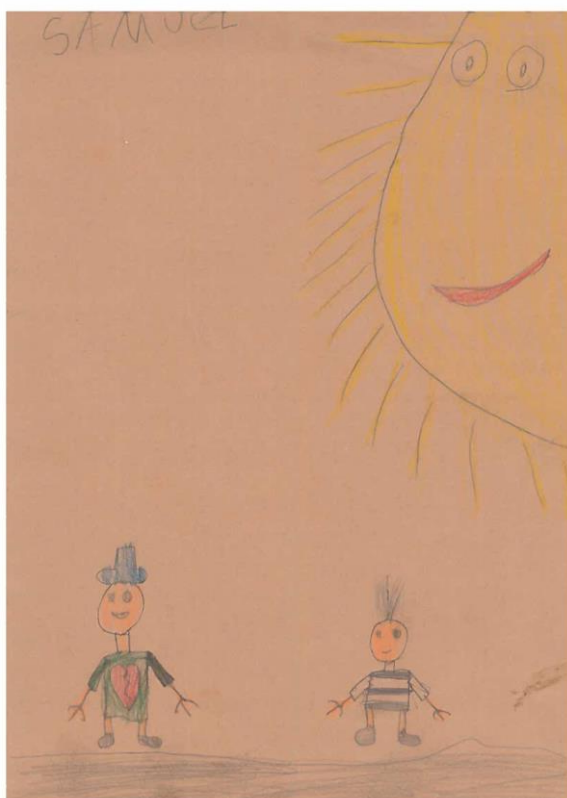


Figura 7: Qual seu jogo favorito? Samuel, 6 anos. Acervo Pessoal.

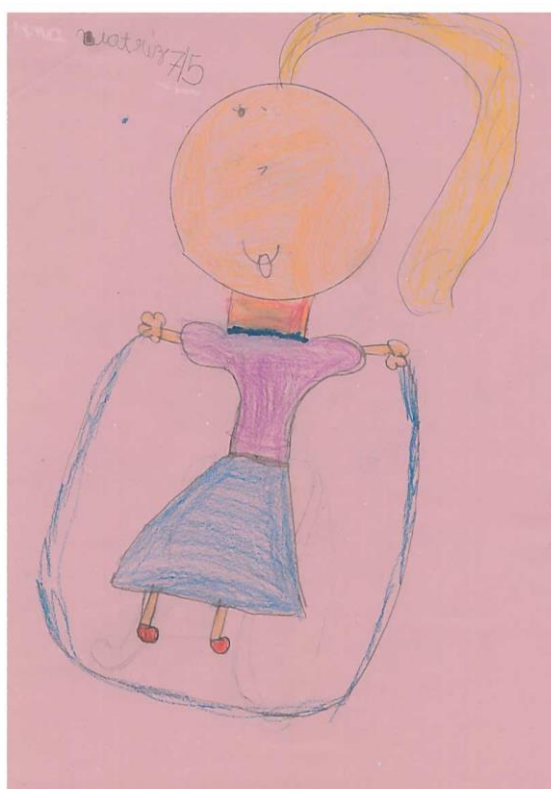


Figura 8: Qual seu jogo favorito? Ana Beatriz, 7 anos. Acervo Pessoal.



Figura 9: Qual o seu jogo favorito? Igor, 6 anos. Acervo Pessoal.

Amarelinha, pular corda, peteca, polícia e ladrão, pique-alto, pique-esconde, pique-cola, pique-correntinha, pique-esconde, pique-pegas, dança da cadeira, jogo da viúva, escravos de Jó, corre cotia, jogo das ilhas, etc. A lista é enorme e quase não tem fim. Diante de tantas opções, resolvi escolher alguns jogos e brincadeiras que pudessem também ser ótimas ferramentas para praticar teatro. A seguir, coloco algumas ideias tiradas do meu diário de bordo.

Pular corda

Ótimo aquecimento para as aulas. Nos dias que não tem, as crianças pedem. Cantamos juntos a música:

“Um dia um homem bateu em minha porta e eu abri.

Senhoras e senhores, põe a mão no chão!

Senhoras e senhores, pulem de um pé só!

Senhoras e senhores, deem uma rodadinha!

E vá para o olho da rua,

Se não eu vou bater foguinho! ”

Ao fim, as crianças pulam o máximo que podem para conseguir recordes e ganhar dos colegas. É um ótimo jogo para integrar os colegas. Dá muita autonomia a eles, que batem a corda para os colegas e seguem a ordem da fila que formaram. Trabalha os planos alto, médio e baixo, com os comandos da música. Também se trabalha o foco, para não perder, prendendo o pé na corda. Em geral, todas as crianças aceitam o jogo muito bem, o que é uma ótima pedida para os primeiros quinze minutos de aula.

Corre cotia

As crianças ficam em roda, de olhos fechados, enquanto um “pego” – pessoa escolhida para tentar “pegar” o próximo que estará em seu lugar – fora da roda, escolhe alguém (colocando um objeto atrás da pessoa) para sair de seu lugar e tentar pegá-lo. O pego deve correr o máximo que pode para pegar o lugar daquele que saiu. Se ele conseguir, a pessoa que perdeu o lugar vira a pega. Se ele não conseguir, vai para o meio da roda. Existem duas músicas para o jogo, a primeira para quando o pego está escolhendo sua presa:

“Corre cotia, de noite, de dia
De baixo da cama da sua tia
Corre cipó
Na casa da avó
Lencinho na mão caiu no chão
Moça bonita do meu coração
Me dá um beijinho aqui na mão.
Ão ão”.

A segunda, para quando alguém for para o meio da roda:

“Galinha choca
Comeu minhoca
Foi pra panela
Virou pipoca”.

Há crianças que não reagem bem com a parte de ir para o meio da roda. Mas no fim, metade da sala acaba lá e a brincadeira vira uma grande festa. Sabe-se que essa brincadeira também é um ótimo aquecimento, mas também pode ser muito boa

para treinarmos a projeção de voz. Algumas crianças, assim como quando pulam corda, acabam ficando agitadas demais e cantando baixo, de qualquer jeito. Aí lanço comandos “não estou ouvindo!” , “parem de cantar para dentro! “ , “a velhinha ali no canto da sala precisa ouvir bem! “. Logo a turma vira um grande coral. Existem ainda crianças que quando vão “para a panela” (que são pegadas), encenam uma galinha e saem batendo as asas para o meio da roda. Assim que uma faz, as outras repetem. Esse momento acaba virando uma divertida cena.

Dança da cadeira

Colocávamos as cadeiras em círculo, com uma cadeira a menos comparado ao número de participantes e eles organizavam tudo. Ajeita aqui, tira uma ali e tudo pronto! As músicas eram animadas, para que eles dançassem, mas muitos ficavam mais preocupados com a cadeira do que com o ritmo. E então eu dizia “pode dançar, enquanto todo mundo não dançar, eu não vou falar o *stop*”. Era divertido demais, uma das minhas preferidas. Depois eles começavam a pedir as músicas e eu tinha que avaliar se era apropriado ou não porque muitas das meninas amavam *funk* e cantavam do início ao fim. A aula virava uma festa, até eu dançava. Era bom ver como eles se soltavam. Aquilo deixava-os mais desinibidos. Não estar inserido no compromisso de uma apresentação para os colegas tirava todo o peso da atividade e então eles faziam sem medo. Cantavam alto, pulavam e, claro, disputavam como ninguém para ver quem seria o último, o vencedor.

Dança como eu danço

Essa brincadeira é fichário de Spolin. São duplas que escutam a música e enquanto um integrante dança, o outro tem que imitar. No fim, eles não seguiram muito bem as regras e acabaram fazendo o baile. Foi um momento de muita delicadeza e ternura! Um dos alunos queria dançar valsa com as meninas, porque estava ensaiando para a festa de aniversário de 7 anos dele, que ia ter uma dança. Ele tirou todas as meninas da sala para dançar. Inclusive a professora! Esse jogo,

assim como a dança da cadeira, trabalhou a inibição dos meninos e a vergonha que eles sentiam. Conseguimos criar um ambiente de aceitação dentro da sala, em que não havia certo ou errado, havia o “seu jeito”. Depois dessa aula, o ambiente melhorou muito, era como se estivéssemos mais unidos, mais íntimos e amigos. Tudo por causa da nossa “*dança terapia*”.

Jogo da viúva

Esse era, de longe, o jogo preferido da turma. Eu não sabia que ele existia e aprendi a jogar com eles. Metade dos alunos ficavam em círculo, nas cadeiras, deixando uma vazia. E a outra metade eram as viúvas, que ficavam por trás dos que estavam sentados, inclusive atrás da cadeira que não tinha ninguém. A viúva que não “guardava ninguém” tinha que tentar roubar alguém de outra viúva, piscando o olho. A viúva que estava sendo roubada tinha que ficar atenta, para tocar no ombro do colega que estivesse saindo da cadeira. As viúvas deveriam ficar com as mãos para trás e o que estavam sentados tinham que obedecer ao toque. Caso tocado, deveria voltar para seu lugar. As crianças adoravam essa brincadeira, justamente pela competição. Quem seria o melhor e mais ágil? Qual seria a melhor viúva? Em determinado tempo de jogo, as viúvas trocavam de lugar para que todos pudessem passar pelos mesmos postos. Aquele jogo era bem completo. Tinha o foco, que deveria estar muito bem trabalhado para não se perder. A agilidade do corpo. A encenação do que tinha que piscar sem ninguém ver.

Todos esses jogos aplicados e mais outros que não estão aqui despertam esse lado cênico da criança. De fato, faziam teatro sem perceber e observar aquilo era muito satisfatório. E assim, com jogos e brincadeiras, criamos nossa sala de aula brincante.

2.3. A sala de aula brincante

Após o início da aplicação das brincadeiras, percebia-se a alegria com que a sala iniciava a manhã. Não se tratava mais de uma “aula chata” e sim de um espaço onde a imaginação ganhou morada. Com o passar dos dias, era perceptível a diferença nos alunos. Até os mais tímidos ganharam espaço. Todos, inclusive aqueles que, no início não gostavam de participar, se integraram e tornaram-se grandes amigos.

Conseguimos construir um ambiente de troca muito importante. Ali tinham pessoas que estavam interessadas em ouvi-los. E sabendo disso eles falavam pelos cotovelos. E propunham. E brincavam. E cantarolavam. E pulavam. E voavam, para bem longe.

A sala de aula brincante possui três características fundamentais: a imaginação, a comunicação e o respeito. Tendo esses três itens, não há como dar errado. Se trata de saber que você está livre para criar, mas respeitando o seu colega que também está criando. Entender que a diversão faz parte da aprendizagem e utilizá-la como um fator transformador para o teatro e a educação.

O meu sonho de futura professora era esse: fazer da aula de teatro, o lugar mais divertido e criativo da escola. Ver os alunos ansiosos para o início da aula e saber que eles queriam estar ali. A sala de aula brincante foi a execução de tudo isso. Eu pude ver todos participando, unidos. E ter que ir embora foi difícil.

“... Mas professora... Porque você não traz suas coisas e estuda aqui com a gente? Você pode estudar aqui na nossa escola!”. Escutei isso de uma de minhas alunas, no meu último dia de aula, quando a professora da turma explicou o motivo de eu partir. Ela disse aos pequenos que eu tinha que voltar para a faculdade para continuar estudando. Criei um laço de afeto muito importante com as crianças e afirmo que este laço foi minha ferramenta mais importante enquanto estagiária prestes a enfrentar a sala de aula. Observá-los com amor, ensiná-los com amor e dar espaço para que eles crescessem e aprendessem com amor, era meu único objetivo. E afirmo que atingi meus objetivos artísticos e pedagógicos.

CONCLUSÃO

As palavras de Walter Benjamin trazem e revelam o significado do que eu apenas sentia e ainda não conseguia expressar, a partir da minha experiência docente com as crianças: “ (...) Aqui as encenações acontecem de passagem, por descuido, se poderia dizer, quase como uma travessura das crianças. “(BENJAMIN, 2002; p. 114)

Complementando essa reflexão, Benjamin indica que “ (...) A encenação é a grande pausa criativa no trabalho educacional. Ela representa no reino das crianças aquilo que o carnaval representava nos antigos cultos. “(BENJAMIN, 2002; p. 118)

As aulas de teatro ministradas durante essa observação, deram certo porque havia diversão, a criatividade e alegria próprias do carnaval, em que as crianças são o que querem ser e assumem todos os papéis. Ao participarem de todas as brincadeiras, sem perceber elas faziam lindas e significativas encenações. Era como aprender brincando.

Em meio à rotina escolar, indo à Escola Parque pela manhã e à Escola Classe à tarde, muitas vezes os alunos se sentiam cansados e sonolentos. Ter uma pausa dessa rotina e poder fazer o que se gosta, para eles foi uma experiência libertadora. Na sala de aula brincante não há peso nos ombros ou problemas na cabeça. Há apenas um local em que tudo pode acontecer, basta querer.

Sonhamos alto e nos divertimos muito. Essa era a essência das minhas ideias. Trabalhamos o corpo, a voz, a disciplina e o foco. Fizemos cenas teatrais, brincando. Fizemos arte, brincando. Estudamos, brincando.

E para concluir, de forma afetuosa, deixo um poema feito sobre minha vivência com as crianças, para a última aula de Estágio II no curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Resume o sentimento que tive ao partilhar minhas ideias com as crianças. O poema cantado foi criado a partir de uma música que a professora Aline usava para acalmar as crianças em momentos de agitação.

Fico feliz quando se abre a roda

E os meus alunos começam a cantar.

É uma energia que envolve a gente,
Inunda a mente,
Faz se apaixonar.

Esse carinho é imenso e sincero.
Reciprocidade? Aqui é o lugar!
Aprendendo com cuidado e zelo
Formamos adultos que o mundo, não de salvar.

É importante deixar bem claro
Que os meus pequenos têm muito o que falar,
Pois são pequenos só no tamanho,
Porque o coração é do tamanho de um lar.

Matemática, Português e Geografia
São muito importantes e eles devem estudar,
Mas com o teatro as coisas mudam,
Porque os meus pequenos aprendem na hora de brincar.

Quem foi que disse que diversão
Não tem nada a ver com uma boa educação?
Se enganou porque na Escola Parque
A arte ensina e diverte de montão.

Estou feliz porque me encontrei
E aos pequenos me entreguei.

Agora entrar na sala de aula
Me arrepia e me faz cantarolar.

Agora eu tenho que agradecer,
A vocês amigos eu tenho que dizer,
Obrigada por tirarem o meu medo
Eu agora não sinto peso
Para ensinar a quem quer aprender.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo. Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Geanne Marie Gagnebin. São Paulo. Brasiliense. 2012.

GUINSBURG, Jacó, FARIA, João Roberto, LIMA, Mariângela Alves de. *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo. Perspectiva. SESC. 2006.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo. Perspectiva, 2012

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo. Perspectiva. 1998.

KOUDELA, Ingrid Dormien, JUNIOR, José Simões de Almeida (Organização). *Léxico de pedagogia do teatro*. São Paulo. Perspectiva. SP Escola de Teatro. 2015.

NOVAES, Íris Costa. *Brincando de roda*. Rio de Janeiro. Agir. 1983.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo. Perspectiva. 2001.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo. Perspectiva, 2010.

_____. *O jogo teatral no livro do diretor*. Tradução Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo. Perspectiva. 2010.

_____. *Improvisação para o teatro*. Tradução Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo. Perspectiva. 2010.